

DOSSIÊ TEMÁTICO

Apresentação do Dossiê Temático Streaming e as mudanças nos mercados e nos conteúdos do audiovisual contemporâneo: *Como o streaming reconfigura os mercados de áudio e vídeo e o que importa discutir*

Ezequiel Rivero

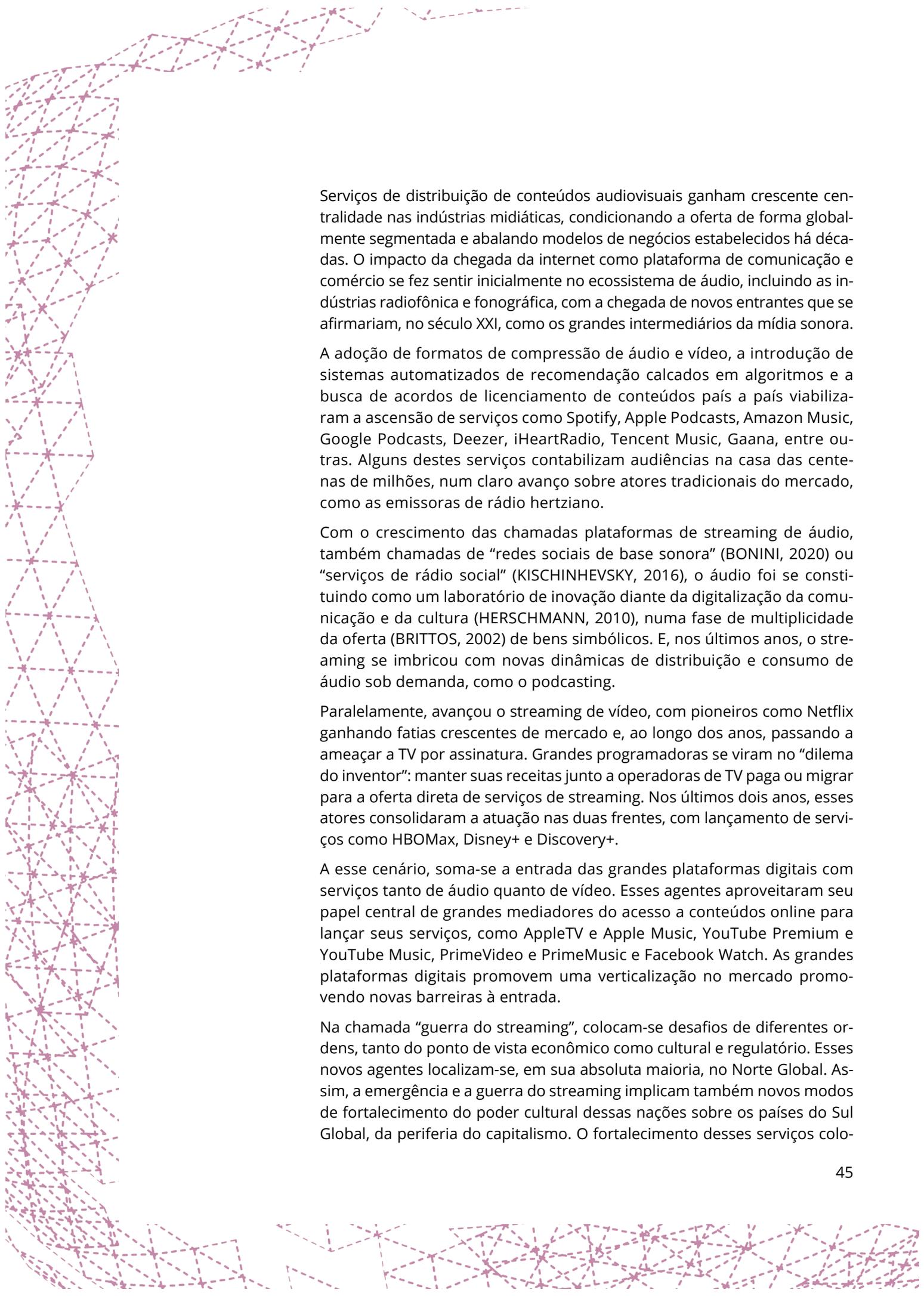
Professor, pesquisador e bolsista de pós-doutorado do CONICET. Doutor em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires (UBA), mestre em Indústrias Culturais pela Universidad Nacional de Quilmes (UNQ) e licenciado em Comunicação Social pela Universidad Nacional de Córdoba (UNC). É membro do Centro ICEP (UNQ) e co-coordenador do Obitel Argentina.

Contato: squielrivero@gmail.com

Marcelo Kischinhevsky

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e dos cursos de Jornalismo e Radialismo da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), onde dirige o Núcleo de Rádio e TV, é doutor em Comunicação e Cultura pela mesma instituição e bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Contato: marcelo.kisch@eco.ufrj.br



Serviços de distribuição de conteúdos audiovisuais ganham crescente centralidade nas indústrias midiáticas, condicionando a oferta de forma globalmente segmentada e abalando modelos de negócios estabelecidos há décadas. O impacto da chegada da internet como plataforma de comunicação e comércio se fez sentir inicialmente no ecossistema de áudio, incluindo as indústrias radiofônica e fonográfica, com a chegada de novos entrantes que se afirmariam, no século XXI, como os grandes intermediários da mídia sonora.

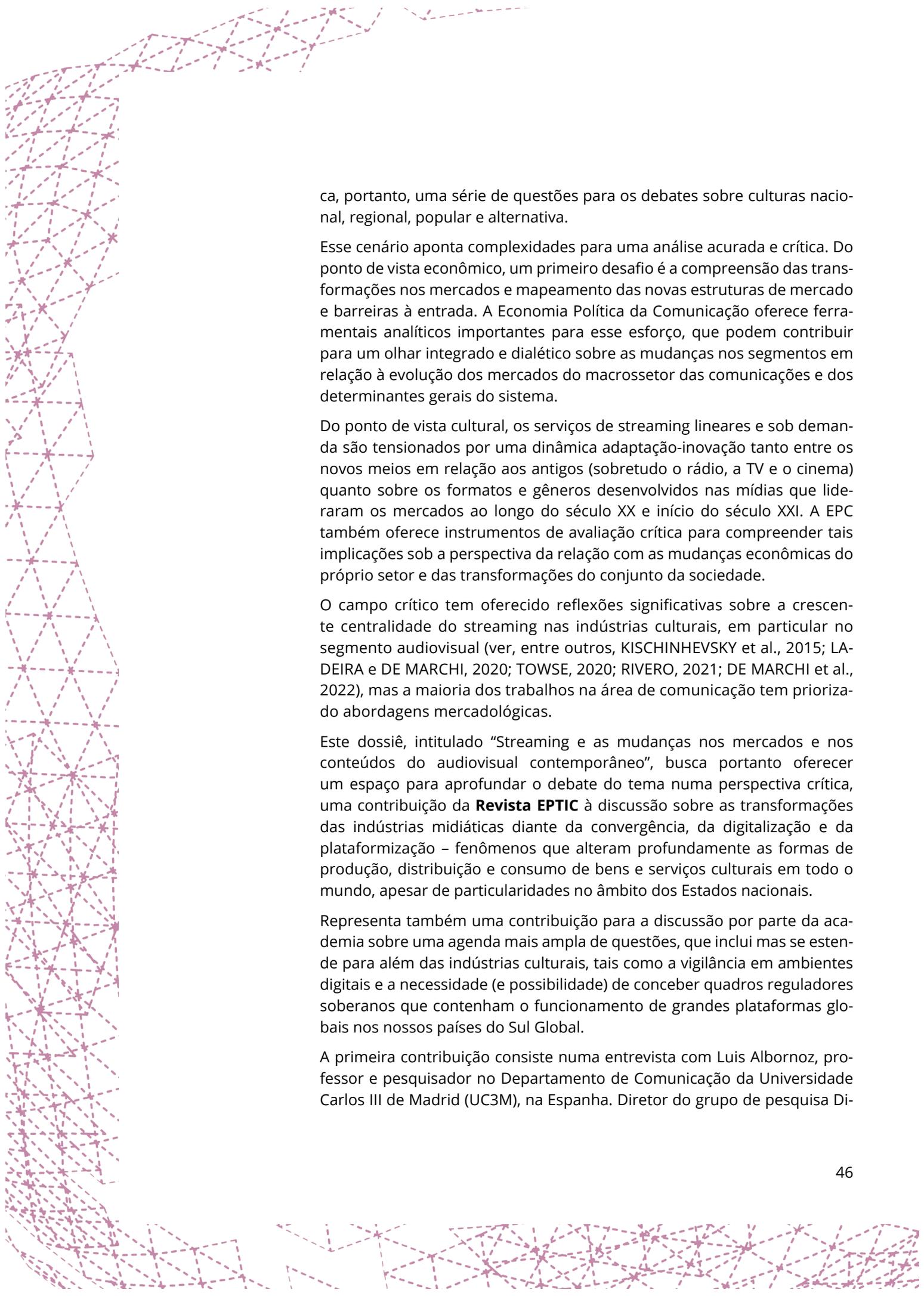
A adoção de formatos de compressão de áudio e vídeo, a introdução de sistemas automatizados de recomendação calcados em algoritmos e a busca de acordos de licenciamento de conteúdos país a país viabilizaram a ascensão de serviços como Spotify, Apple Podcasts, Amazon Music, Google Podcasts, Deezer, iHeartRadio, Tencent Music, Gaana, entre outras. Alguns destes serviços contabilizam audiências na casa das centenas de milhões, num claro avanço sobre atores tradicionais do mercado, como as emissoras de rádio hertziano.

Com o crescimento das chamadas plataformas de streaming de áudio, também chamadas de “redes sociais de base sonora” (BONINI, 2020) ou “serviços de rádio social” (KISCHINHEVSKY, 2016), o áudio foi se constituindo como um laboratório de inovação diante da digitalização da comunicação e da cultura (HERSCHMANN, 2010), numa fase de multiplicidade da oferta (BRITTOS, 2002) de bens simbólicos. E, nos últimos anos, o streaming se imbricou com novas dinâmicas de distribuição e consumo de áudio sob demanda, como o podcasting.

Paralelamente, avançou o streaming de vídeo, com pioneiros como Netflix ganhando fatias crescentes de mercado e, ao longo dos anos, passando a ameaçar a TV por assinatura. Grandes programadoras se viram no “dilema do inventor”: manter suas receitas junto a operadoras de TV paga ou migrar para a oferta direta de serviços de streaming. Nos últimos dois anos, esses atores consolidaram a atuação nas duas frentes, com lançamento de serviços como HBOMax, Disney+ e Discovery+.

A esse cenário, soma-se a entrada das grandes plataformas digitais com serviços tanto de áudio quanto de vídeo. Esses agentes aproveitaram seu papel central de grandes mediadores do acesso a conteúdos online para lançar seus serviços, como AppleTV e Apple Music, YouTube Premium e YouTube Music, PrimeVideo e PrimeMusic e Facebook Watch. As grandes plataformas digitais promovem uma verticalização no mercado promovendo novas barreiras à entrada.

Na chamada “guerra do streaming”, colocam-se desafios de diferentes ordens, tanto do ponto de vista econômico como cultural e regulatório. Esses novos agentes localizam-se, em sua absoluta maioria, no Norte Global. Assim, a emergência e a guerra do streaming implicam também novos modos de fortalecimento do poder cultural dessas nações sobre os países do Sul Global, da periferia do capitalismo. O fortalecimento desses serviços colo-



ca, portanto, uma série de questões para os debates sobre culturas nacional, regional, popular e alternativa.

Esse cenário aponta complexidades para uma análise acurada e crítica. Do ponto de vista econômico, um primeiro desafio é a compreensão das transformações nos mercados e mapeamento das novas estruturas de mercado e barreiras à entrada. A Economia Política da Comunicação oferece ferramentas analíticas importantes para esse esforço, que podem contribuir para um olhar integrado e dialético sobre as mudanças nos segmentos em relação à evolução dos mercados do macrossetor das comunicações e dos determinantes gerais do sistema.

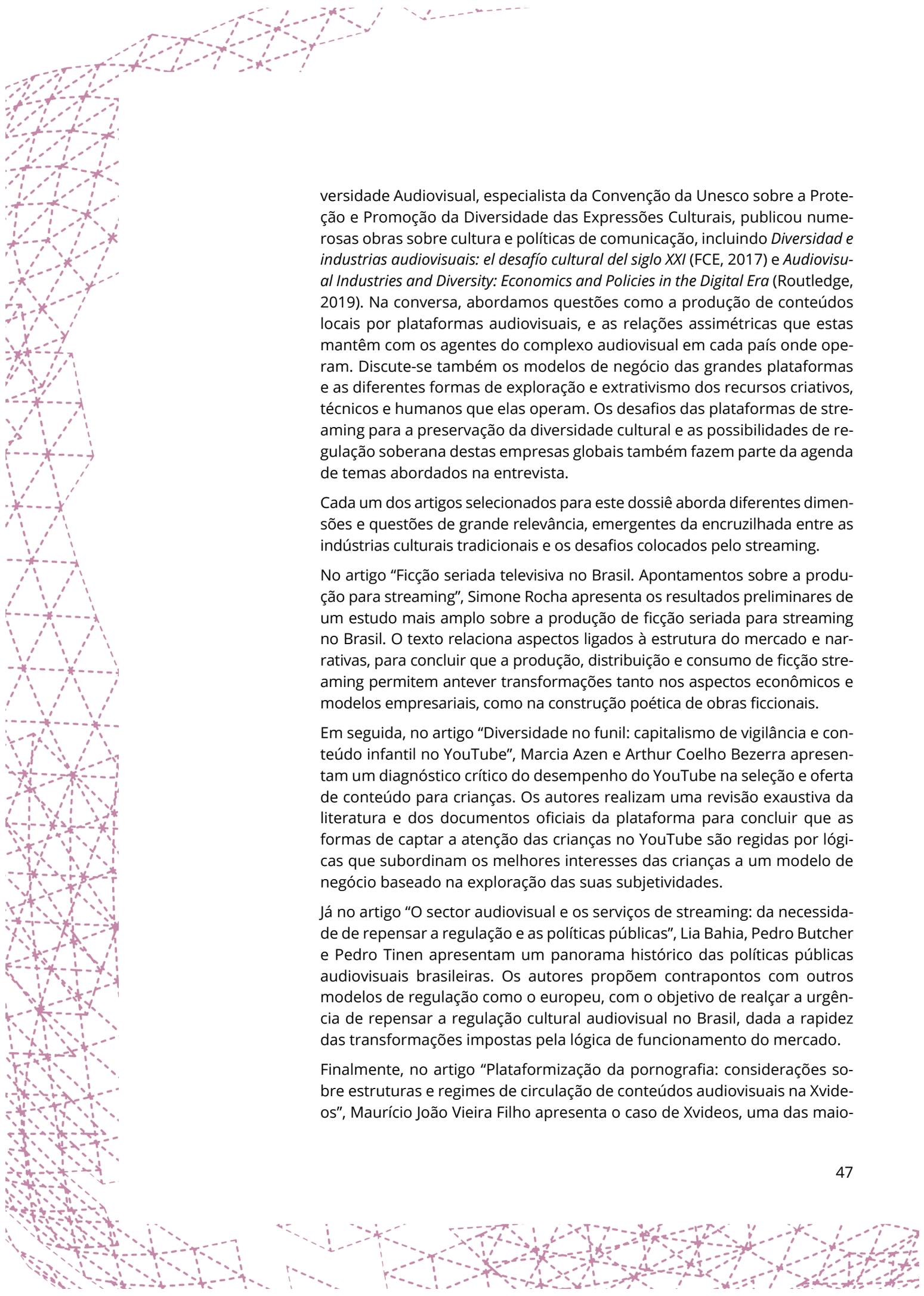
Do ponto de vista cultural, os serviços de streaming lineares e sob demanda são tensionados por uma dinâmica adaptação-inovação tanto entre os novos meios em relação aos antigos (sobretudo o rádio, a TV e o cinema) quanto sobre os formatos e gêneros desenvolvidos nas mídias que lideraram os mercados ao longo do século XX e início do século XXI. A EPC também oferece instrumentos de avaliação crítica para compreender tais implicações sob a perspectiva da relação com as mudanças econômicas do próprio setor e das transformações do conjunto da sociedade.

O campo crítico tem oferecido reflexões significativas sobre a crescente centralidade do streaming nas indústrias culturais, em particular no segmento audiovisual (ver, entre outros, KISCHINHEVSKY et al., 2015; LADEIRA e DE MARCHI, 2020; TOWSE, 2020; RIVERO, 2021; DE MARCHI et al., 2022), mas a maioria dos trabalhos na área de comunicação tem priorizado abordagens mercadológicas.

Este dossiê, intitulado “Streaming e as mudanças nos mercados e nos conteúdos do audiovisual contemporâneo”, busca portanto oferecer um espaço para aprofundar o debate do tema numa perspectiva crítica, uma contribuição da **Revista EPTIC** à discussão sobre as transformações das indústrias midiáticas diante da convergência, da digitalização e da plataformização – fenômenos que alteram profundamente as formas de produção, distribuição e consumo de bens e serviços culturais em todo o mundo, apesar de particularidades no âmbito dos Estados nacionais.

Representa também uma contribuição para a discussão por parte da academia sobre uma agenda mais ampla de questões, que inclui mas se estende para além das indústrias culturais, tais como a vigilância em ambientes digitais e a necessidade (e possibilidade) de conceber quadros reguladores soberanos que contenham o funcionamento de grandes plataformas globais nos nossos países do Sul Global.

A primeira contribuição consiste numa entrevista com Luis Albornoz, professor e pesquisador no Departamento de Comunicação da Universidade Carlos III de Madrid (UC3M), na Espanha. Diretor do grupo de pesquisa Di-



versidade Audiovisual, especialista da Convenção da Unesco sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, publicou numerosas obras sobre cultura e políticas de comunicação, incluindo *Diversidad e industrias audiovisuais: el desafío cultural del siglo XXI* (FCE, 2017) e *Audiovisual Industries and Diversity: Economics and Policies in the Digital Era* (Routledge, 2019). Na conversa, abordamos questões como a produção de conteúdos locais por plataformas audiovisuais, e as relações assimétricas que estas mantêm com os agentes do complexo audiovisual em cada país onde operam. Discute-se também os modelos de negócio das grandes plataformas e as diferentes formas de exploração e extrativismo dos recursos criativos, técnicos e humanos que elas operam. Os desafios das plataformas de streaming para a preservação da diversidade cultural e as possibilidades de regulação soberana destas empresas globais também fazem parte da agenda de temas abordados na entrevista.

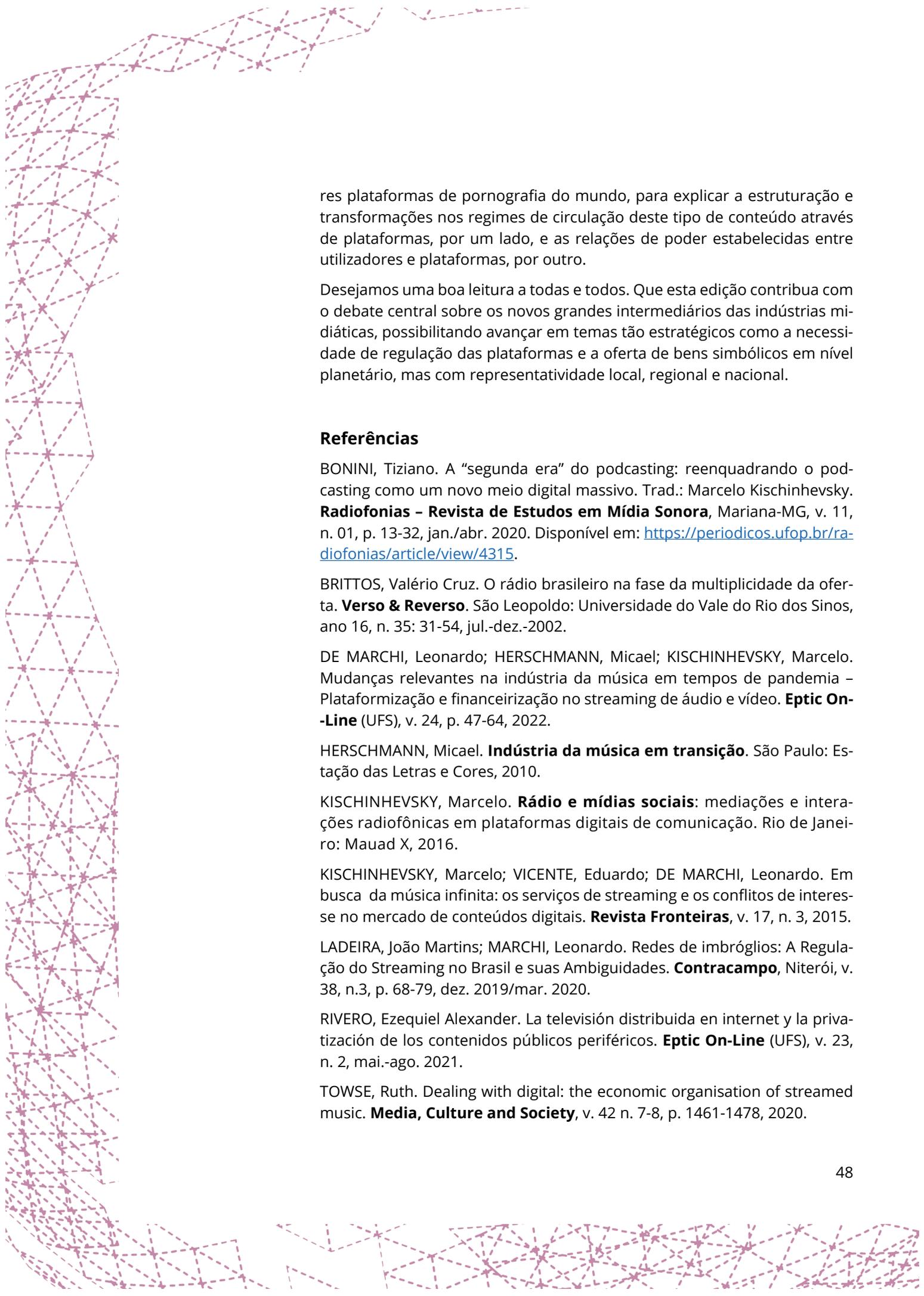
Cada um dos artigos selecionados para este dossiê aborda diferentes dimensões e questões de grande relevância, emergentes da encruzilhada entre as indústrias culturais tradicionais e os desafios colocados pelo streaming.

No artigo “Ficção seriada televisiva no Brasil. Apontamentos sobre a produção para streaming”, Simone Rocha apresenta os resultados preliminares de um estudo mais amplo sobre a produção de ficção seriada para streaming no Brasil. O texto relaciona aspectos ligados à estrutura do mercado e narrativas, para concluir que a produção, distribuição e consumo de ficção streaming permitem antever transformações tanto nos aspectos econômicos e modelos empresariais, como na construção poética de obras ficcionais.

Em seguida, no artigo “Diversidade no funil: capitalismo de vigilância e conteúdo infantil no YouTube”, Marcia Azen e Arthur Coelho Bezerra apresentam um diagnóstico crítico do desempenho do YouTube na seleção e oferta de conteúdo para crianças. Os autores realizam uma revisão exaustiva da literatura e dos documentos oficiais da plataforma para concluir que as formas de captar a atenção das crianças no YouTube são regidas por lógicas que subordinam os melhores interesses das crianças a um modelo de negócio baseado na exploração das suas subjetividades.

Já no artigo “O sector audiovisual e os serviços de streaming: da necessidade de repensar a regulação e as políticas públicas”, Lia Bahia, Pedro Butcher e Pedro Tinen apresentam um panorama histórico das políticas públicas audiovisuais brasileiras. Os autores propõem contrapontos com outros modelos de regulação como o europeu, com o objetivo de realçar a urgência de repensar a regulação cultural audiovisual no Brasil, dada a rapidez das transformações impostas pela lógica de funcionamento do mercado.

Finalmente, no artigo “Plataformização da pornografia: considerações sobre estruturas e regimes de circulação de conteúdos audiovisuais na Xvideos”, Maurício João Vieira Filho apresenta o caso de Xvideos, uma das maio-



res plataformas de pornografia do mundo, para explicar a estruturação e transformações nos regimes de circulação deste tipo de conteúdo através de plataformas, por um lado, e as relações de poder estabelecidas entre utilizadores e plataformas, por outro.

Desejamos uma boa leitura a todas e todos. Que esta edição contribua com o debate central sobre os novos grandes intermediários das indústrias midiáticas, possibilitando avançar em temas tão estratégicos como a necessidade de regulação das plataformas e a oferta de bens simbólicos em nível planetário, mas com representatividade local, regional e nacional.

Referências

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Trad.: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315>.

BRITTOS, Valério Cruz. O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta. **Verso & Reverso**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 16, n. 35: 31-54, jul.-dez.-2002.

DE MARCHI, Leonardo; HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Mudanças relevantes na indústria da música em tempos de pandemia – Plataformização e financeirização no streaming de áudio e vídeo. **Eptic On-Line** (UFS), v. 24, p. 47-64, 2022.

HERSCHMANN, Micael. **Indústria da música em transição**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; VICENTE, Eduardo; DE MARCHI, Leonardo. Em busca da música infinita: os serviços de streaming e os conflitos de interesse no mercado de conteúdos digitais. **Revista Fronteiras**, v. 17, n. 3, 2015.

LADEIRA, João Martins; MARCHI, Leonardo. Redes de imbróglis: A Regulação do Streaming no Brasil e suas Ambiguidades. **Contracampo**, Niterói, v. 38, n.3, p. 68-79, dez. 2019/mar. 2020.

RIVERO, Ezequiel Alexander. La televisión distribuida en internet y la privatización de los contenidos públicos periféricos. **Eptic On-Line** (UFS), v. 23, n. 2, mai.-ago. 2021.

TOWSE, Ruth. Dealing with digital: the economic organisation of streamed music. **Media, Culture and Society**, v. 42 n. 7-8, p. 1461-1478, 2020.